

24 de Dezembro

Mateus L.P. Santos

*Para Letícia Gimenez,
Por ter me ajudado a entender que depois da morte vem a vida.*

Nota do autor

Lucas Rodrigues sempre foi um bom amigo para mim e fico feliz que ele tenha topado criar mais uma playlist especial para os meus queridos leitores. Desta vez, o foco foi fazer algo para quem ama o Natal, mas sem esquecer a energia das músicas do livro original.



Quer ouvir a versão em áudio?

Assim como aconteceu com 24 Horas de Amor, a antiga equipe de produção se reuniu para fazer um áudio-conto. Então se você quer escutar a história a seguir, aponte a câmera do seu celular para o QR code abaixo e aproveite essa viagem natalina.

1 - Isabella

O café estava completamente cheio.

Era uma tarde quente na capital paulista, como havia sido em quase todos os dias daquele verão inescrupuloso, fazendo jus às manchetes cada vez mais urgentes do aquecimento global. Naquele ponto, algumas pessoas já chamavam de fervura mesmo. O vapor quente era o suficiente para deixar qualquer roupa encharcada de suor e o ar-condicionado da cafeteria era, ao mesmo tempo, um presente e uma maldição porque, assim como todo tipo de vício, a sua ausência seria o suficiente para deixar qualquer pessoa maluca.

Foi no meio desse clima apocalíptico que Isabella chegou ao local marcado e, surpreendentemente, dentro do horário combinado. Sua lombar estava delineada por uma linha de suor irritante, um padrão que seu corpo seguia desde sempre. Além disso, seu cabelo estava uma bagunça. Ela havia testado o novo visual extremamente curto justamente para escapar disso, mas agora os fios encontravam-se arranjados em posições anti-naturais por conta da ventania causada pelo trem. Quem diria que aquele ventinho tão gostoso acabaria com o seu penteado.

Era por isso que Isabella odiava o calor. Para ela, aquilo era realmente uma representação perfeita do que significava a palavra inferno. Não precisava ser real depois da morte, já era o suficiente ter aquilo durante a vida. Isabella pensou em passar no banheiro e tentar consertar o desastre capilar antes de sentar-se em algum lugar, mas ficou com receio de deixar o seu encontro esperando. Felizmente, isso não foi uma questão. Infelizmente, o cara atrasou cerca de 21 minutos, o suficiente para fazer qualquer pessoa de bom tom com

sutis casos de ansiedade e uma autoestima relativamente equilibrada repensar se ela era tão chata virtualmente que o cara decidira nem mesmo aparecer.

Eles não haviam se conhecido online, não, pelo amor de Deus. Isabella achava que isso era o fim da picada. Ela se considerava uma mulher bastante moderna na maioria das questões importantes a serem debatidas em uma roda de conversa, mas quando se tratava de romance ela tinha uma queda por histórias antigas: pessoas que se conheciam em um bar, ou que estavam namorando desde o ensino médio e viviam felizes para sempre. Ou, é claro, a narrativa digna de filme que seus pais haviam vivido, se conhecendo dentro de um avião com destino para a Itália — ele, em uma viagem cultural para conhecer o lar antigo de sua família, ela, enviada pela empresa para comparecer a um evento chato na cidade, mas que lhe deixaria tempo o suficiente livre para curtir bem o turismo local. Depois disso, felizes para sempre. Ou quase isso.

Então, não. Isabella jamais toparia se submeter às ferramentas online. Pelo menos não de novo e não de forma séria. Isso, é claro, se o cara aparecesse.

Eles haviam se conhecido em uma festa de Natal na semana anterior graças a um casal de amigos em comum, que acreditava que os dois andavam solitários demais. O primeiro contato tinha sido muito bom, mas talvez isso fosse só por conta das taças de vinho, que tornavam todo mundo pelo menos 10% mais tolerável aos olhos de Isabella. O problema havia sido depois: tanto ela, quanto ele, eram terríveis no WhatsApp. E Isabella não queria criar uma intimidade virtual que ainda não existia presencialmente, o que deve ter piorado ainda mais todas as conversas.

Além disso, ela sentia que já estava em uma nova fase no que dizia respeito à busca por relacionamentos, uma que consistia basicamente em muita preguiça para tudo. A espiral era sempre a mesma naquele ponto: ela conhecia um cara minimamente legal, mas não tão interessante assim, alguém que

queria transar por um tempo e depois mudar de parceira sexual, às vezes escolhendo até mesmo uma prima de Isabella em uma cerimônia de casamento da família — Isabella diria que isso só é específico desta forma por questões narrativas, nada baseado em fatos — e, no fim das contas, ela acabava cansando. E aí o ciclo recomeçava. Ou seja, preguiça. Quais eram as chances daquele cara ser diferente?

Isabella era a pessoa perfeita para dar conselhos, tanto em âmbito pessoal quanto profissional, mas ainda se surpreendia com a capacidade caótica de sua própria vida, especialmente quando se tratava de relacionamentos.

Era nisso que ela estava pensando, apenas para evitar a ideia de ir logo embora — afinal, 21 minutos não era pouca coisa —, quando ele finalmente chegou.

— Oi, Isabella. Desculpa a demora, sério.

— Oi. Ah, fica tranquilo. Eu cheguei há pouquíssimo tempo.

Muito bem, talvez aquilo fosse um recorde: ela havia demorado só 3 segundos para ligar o modo viciada em agradar pessoas alheias.

— Ufa, me sinto menos pior. Mas de verdade, me desculpa. Eu tive uma urgência de última hora e quase não consegui vir.

— Tá tudo bem?

— Tá sim, fica tranquila. Valeu por perguntar.

— Então vai, senta aí, Lucas. Preciso de algo bem gelado pra beber e depois um sorvete.

Ele sorriu timidamente e sentou-se.

2 - Lucas

A ida para o café realmente havia quase sido interrompida, mas não por emergências externas.

Enquanto todos os lugares estavam cada vez mais preparados para a chegada do Natal, que estava apenas a um dia de distância, Lucas se sentia completamente por fora daquele clima. Inclusive, o próprio clima quente também servia para tirá-lo o suficiente da energia natalina que sempre amara. Influenciado quase por completo por uma cultura norte-americana desde cedo, ele imaginara que o Natal brasileiro sempre precisava ser igual ao dos americanos: cheio de neve, músicas do Michael Bublé e patinação em praças públicas famosas. Na verdade, mesmo sentindo-se completamente por fora do espírito alegre e leve daquela época do ano, Lucas ainda não conseguia se desapegar 100%. Era por isso que escutava na caixa de som velha que tinha: *It's Beginning To Look a Lot like Christmas — Michael Bublé*. Pelo menos o cantor marcava presença, fizesse frio ou calor. E quem sabe as músicas ajudassem a entrar no espírito da coisa.

Era esse o cenário quando a emergência chegou e Lucas resolveu que não iria mais para aquele... encontro? Será que poderia chamar assim? Fazia tanto tempo que não tinha algo parecido e todas as últimas ocasiões parecidas haviam terminado de forma tão desastrosa que ele começava a imaginar que terminaria sozinho. E será que poderia reclamar? Ele já tivera uma vez, anos atrás, um amor que durara tão pouco, mas que parecia ressoar por toda a eternidade.

Inclusive, esta era a emergência: uma memória boa demais para que ele pudesse seguir em frente e criar outras.

Lucas enfrentava um grande problema naqueles dias. Não conseguia se aproximar de ninguém porque o terror de perder pessoas era sempre superior à esperança de bons relacionamentos. Já havia conhecido algumas mulheres incríveis, mas todas as vezes ele arranjava uma forma de estragar tudo — sem contar as repetidas histórias que tinha em que acabava dando um bolo nelas, utilizando-se de justificativas terríveis. Sua terapeuta, a doutora Josi, dizia que era a forma que ele encontrava de se entorpecer da possibilidade de sentir dor. Mas a terapia, naquele momento, parecia apenas um processo repetitivo de reconhecer e sofrer com a dor antiga sem nunca conseguir curá-la, então ele não dava tanta bola assim para aquelas palavras.

E agora Lucas se via refém daquilo novamente, paralisado diante da possibilidade de ir encontrar-se com uma garota que parecia incrível. Jorge tinha sido o responsável por apresentá-la. Algo no coração de Lucas queria ir logo apenas por lembrar-se do triste fato de que seu melhor amigo solteirão se casara antes que ele e agora estava à espera de um bebê, como anunciara na festa de Natal da semana anterior. Enquanto isso, Lucas sentia-se estático na própria vida, um espectador da felicidade alheia.

Ele finalmente levantou-se, foi até a porta de casa, hesitou, deu a volta e foi até o sofá novamente. A ansiedade parecia um ser vivo dentro de si, corroendo sua mente e forçando suas ações e seus pensamentos, levando Lucas para longe do lugar onde estava, em direção a uma cidade onde o frio era quase permanente, o tempo passava mais devagar e o amor parecia ser eterno mesmo que pudesse acabar em um dia. Ele sentiu as lágrimas tomarem conta dos olhos. Anos já haviam se passado, mas o efeito continuava o mesmo. Nunca mais pisara os pés naquele lugar, mas ele seguia tão presente que era quase como se Lucas o visitasse diariamente.

Estava decidido, ele não poderia ir ao encontro com a amiga de Jorge e Catarina. O medo da perda futura era grande demais em seu coração.

Lucas jogou-se no sofá e começou a massagear as têmporas, mais uma dica de sua terapeuta, que dizia que isso realmente ajudava a ficar mais calmo. Ele fechou os olhos e, por um segundo, viu *ela*. Fazia tempo que isso não acontecia. Afinal de contas, Lucas tentava apagar de sua memória qualquer lembrança dela. Não fazia isso de verdade, ainda guardava o jornal — apesar de ter destruído uma de suas cópias em julho do ano anterior, em mais um aniversário de morte dela, durante uma noite em que ficara tão bêbado que só conseguiria fazer o quatro deitado. Mas tentava. Ele achava que a dor iria embora quando a memória desaparecesse. E achava também que o caminho certo para poder seguir em frente era apagar aquelas 24 horas de seu ser. Não queria pensar em baleias, naquele cantor, em danças sem gravidade ou até mesmo no amor.

Mas a imagem dela parecia tão viva naquele instante que Lucas sentiu todas as lembranças voltando à superfície. Os olhos marrons brilhantes, o cabelo castanho e a feição serena, como se nunca ficasse brava com nada. Neste momento, seu rosto também estava vermelho, mas não parecia ser por conta do frio, talvez fosse só uma reação natural àquele calor infernal. Ela encarou Lucas por um longo tempo e ele sentiu lágrimas surgirem nos seus olhos, as mesmas que eram tão doloridas e que deixavam um rastro muito maior na sua alma do que na sua face. Então ela disse algo, quase em um sussurro. E repetiu. E repetiu.

— Vai logo.

3 - Isabella

— Ok, agora sim eu posso dizer que sou feliz.

Isabella tomava um sorvete de pistache em um copinho e sorria tanto com cada colherada que realmente parecia ter encontrado o sentido da vida.

— Eu ainda não acredito que você desperdiçou o seu pedido com pistache. Isso é um crime, você sabe disso, né? — Lucas disse, sorrindo.

— Para sua informação, esse é o melhor sorvete que eles vendem e eu tenho autoridade no assunto. Já provei todos e o de pistache é de longe o melhor. Toma, prova.

Ele provou e tentou evitar um sorriso satisfeito, mas não conseguiu.

— Viu só?

Isabella ainda não tinha um veredito, mas até que Lucas não era tão ruim assim. Ele com certeza era mais quietão do que ela gostava e parecia sempre perdido em pensamentos e mundos próprios. Além disso, para um homem de 27 anos, ele parecia carregar um lado obscuro bastante incomum, quase como se não conseguisse conviver com a própria mente. Mas quando se soltava, ele era leve, gentil e bondoso. Sabia caminhar do lado correto da calçada, o que já fazia Isabella sorrir automaticamente, lembrando-se das dicas preciosas de seu pai sobre como reconhecer um homem (minimamente) decente: *ele precisa andar do lado certo na rua, tem que tratar bem a própria mãe e, mais importante ainda, precisa saber te escutar de verdade.*

Isabella não conhecia a mãe de Lucas, mas, além do primeiro ponto, ele parecia um bom ouvinte também. Não um daqueles que apenas focaliza o

olhar na pessoa que está falando e não ouve nada. Ele realmente parecia escutar tudo com atenção. Isabella lembrou-se daquela frase de Mary Oliver, uma de suas poetas favoritas: atenção sem sentimento é só relatório.

Sorriu ao pensar nisso.

Agora, os dois caminhavam pela Avenida Paulista ao som de *Only at Christmas Time* — *Sufjan Stevens*, que tocava em uma caixa de som, acompanhada por um senhor que fazia uma dedilhado em um violão. A avenida estava tão decorada de enfeites natalinos naquele ano que parecia servir como cenário para algum filme de Natal da Netflix. E foi justamente isso que Lucas disse:

— Minha ideia é a gente já tentar sabotar tudo antes que eles liguem as câmeras. Nós ainda podemos salvar as pessoas que estão em casa, poupando o tempo delas de mais um filme onde a menina tenta salvar algum lugar que está prestes a ser demolido e, magicamente, se apaixona justamente pelo homem responsável pela demolição.

— Poxa vida, esses são os meus filmes favoritos.

— Bom saber. A gente pode ir até ali e eu fico pela estação de metrô mesmo, viu?

Isabella deu risada e se arrependeu da mensagem que enviara para sua amiga, Juliana, antes de Lucas chegar, sobre aquilo ser uma péssima ideia.

— E aí, o que você faz da vida, Isabella?

— Bom, nos melhores dias, eu consigo ajudar a vida de uma pessoa ou outra no meu consultório.

— Você é médica?

— Médica da mente, talvez. Psicóloga.

— Uau! É seguro eu conversar com você ou eu vou acabar entrando em uma espiral sobre como meus pais acabaram comigo?

— Não, você entrou nessa espiral um tempão atrás quando falou sobre não gostar de ficar no meio de muita gente. Não gosta de chamar a atenção das pessoas, né.

Lucas fez uma careta surpresa, que também lhe fazia parecer assustado, e Isabella sorriu satisfeita. Odiava piadinhas sobre terapia, mas até que achou aquilo engraçado.

— E você gosta?

— Gosto bastante. É legal sentir que estou ajudando pessoas e participar do processo de entender melhor os pensamentos alheios e os meus próprios.

— É, isso deve ser incrível. É quase como um superpoder em que você lê a mente das pessoas, tipo o Edw...

Lucas parou de falar e Isabella o encarou com um sorriso perspicaz, certa de que ele quase mencionara o protagonista de Crepúsculo.

— Sim, quase isso — o sorriso aumentou — eu também toco violino em uma orquestra aqui em São Paulo. É bem legal, mas tem sido cansativo. Muita coisa rolando, sabe?

— Sei bem. Mas, caramba, uma orquestra? Que demais. Posso ir te assistir algum dia, sou um ótimo espectador.

Ela riu e o encarou como se fossem dois adolescentes no ensino médio, ela representando a garota que odiara a cantada. Sua amiga Juliana diria para Isabella que ela precisava ser mais amável e seguir o fluxo. E foi isso que ela acabou fazendo:

— Vou te chamar para a próxima. Mas já aviso: são só músicas clássicas.

— São as minhas favoritas.

— Então tá bem. Não são as minhas, mas você realmente passa a energia de alguém que escuta isso enquanto cozinha.

— Eu não cozinho, mas eu escutaria se cozinhasse. Juro.

Os dois riram juntos, ele mais sutilmente, e jogaram o pote de sorvete no lixo. Isabella fez questão de lambar cada parte do pedaço de papel que ainda

tinha restos do líquido derretido. Lucas a encarava com graça, como se tivesse acabado de ver uma cena fofa e não um ratinho que perambula por restos de comida. Isabella gostou da sensação que isso a fez sentir — o sorriso natural que acabou dando era uma boa comprovação.

Depois disso, os dois voltaram a caminhar para lugar nenhum, aproveitando a extensão da Avenida Paulista como um cronômetro infinito para o restante daquele encontro. As lojas estavam em sua maioria enfeitadas, com luzes pisca-piscas contornando praticamente todas. Isabella conseguia ver algumas árvores mirins dentro de várias delas e aquelas meias enormes que lhe faziam pensar quando era mais nova que o Papai Noel era uma espécie de gigante.

Sua visão favorita foi a de uma esquina cheia de árvores, perto de um shopping, com uma iluminação tão brilhante que realmente parecia cenário de filme. Também parecia bem romântico — até porque, para ela, tudo que envolvia Natal também envolvia o amor.

— E você faz o quê, Lucas?

— Bom, eu sou professor de Filosofia. O plano era estar trabalhando em alguma universidade de respeito por aqui, mas eu tô preso dando aulas no ensino médio.

— Eu acho ainda mais nobre, sabia?

— Aguentar várias crianças chamando Platão de Pauzão é nobre?

Isabella deu risada e balançou os ombros. Se tinha uma coisa que ela amava era a mente infantil.

— Eu te garanto que elas nunca vão esquecer quem era Platão. Agora pode ser um inferno pra você, mas pra elas talvez seja a fórmula que faz com que a informação fique no cérebro.

Lucas não parecia acreditar muito naquilo, mas concordou.

— Você odeia?

— Eu costumava gostar mais. Acho que, recentemente, entrei naquele modo 100% adulto onde tudo parece mais automático. Não lembro nem o que tomei de café da manhã hoje. Só os livros salvam, porque parece que eu viajo em cada um deles.

— Meditação também ajuda.

Ele a encarou com um olhar brilhante que ela ainda não tinha visto nele. Era uma mistura de surpresa com reconhecimento de alguma coisa.

— É, eu sei, — ele quebrou o silêncio que rapidamente ganhara espaço — mas tem sido difícil tirar tempo pra isso.

Os dois caminharam por mais um tempo, agora acompanhados por um daqueles silêncios constrangedores, quebrado parcialmente apenas pela música natalina que ressoava por toda a Paulista — se não literal, pelo menos figurativamente, viajando pelas decorações e cores tão vibrantes. O calor finalmente havia amenizado junto com o sumiço do sol no horizonte e, como se só estivesse esperando por isso, o vento chegara, suave e sutil mas ainda assim muito refrescante.

Talvez fosse por conta de todo aquele silêncio que tomara conta do espaço entre os dois repentinamente, mas Isabella pensou que talvez fosse a hora de finalizar aquele encontro. Ela estava prestes a completar 30 anos e estava passando a véspera de Natal com um desconhecido em vez de ir ver sua família — que já havia lhe traumatizado o bastante, mas não o suficiente para que ela ainda não pensasse em visitá-los todo santo Natal, apenas para se arrepender depois. Onde ela tinha errado para não ter ninguém próximo o suficiente para passar aquele dia? Ser filha única parecia ainda mais solitário naqueles momentos.

Isabella acabou se distraindo desses devaneios ao ver uma livraria linda que costumava visitar nos tempos de universitária, quando ir para a Paulista ainda soava como algo extremamente divertido.

— Quer entrar? Quem sabe isso tira a gente do automático.

Lucas parecia encarar a livraria como se estivesse vendo um filme de Jogos Mortais. Isabella daria de tudo para ter aquele poder que ele mencionara mais cedo. Lucas demorou um tempo para responder, mas finalmente concordou.

4 - Lucas

O silêncio entre os dois perdurou por mais tempo do que ele gostaria, quase como um familiar que chega na hora errada e com quem você precisa passar a tarde inteira por mais que tivesse outros planos. Lucas já havia ido em encontros o suficiente para saber reconhecer um silêncio constrangedor. Ele se expandia, tomava o espaço que havia entre as pessoas e, aos poucos, destruía toda a torre construída pelas conversas anteriores. Em tempos recentes, Lucas diria que era um sinal claro o suficiente para que terminassem aquilo e fossem os dois para casa — ainda que ele soubesse que a culpa de toda aquela ausência de palavras ser toda dele e de sua esquisitice ao pensar *nela*. Entretanto, talvez pelo ambiente cheio de livros, lotado de histórias de fé, esperança e segundas chances, com narrativas que faziam com que ele sonhasse com o amor, Lucas resolveu simplesmente tentar.

— E então, Isabella, é véspera de Natal e nós estamos vendo livros de bolso, que são um crime contra as palavras. Não tinha outros planos? Tipo, não tô reclamando, ok? Tô bem feliz, na verdade. Mas você entendeu.

Os dois remexiam em uma pilha de livros enquanto alguma caixa de som tocava *Young Ming, Old Soul* — David Blazer.

— Não é óbvio?

— O quê?

— Sou psicóloga e já mencionei pais na conversa. Como todo mundo na face da Terra, eu tenho umas questões familiares meio chatas.

— Tipo o quê?

— Eles são bem religiosos. Sempre foram. E acho que eles entraram em um estado constante de decepção com o fato de que eu deixei isso pra trás depois da faculdade. Bem-vindo à psicologia: o lugar onde você consegue entender os seres humanos e, claro, também consegue distanciar quase todos eles de você.

Lucas a encarou com uma compaixão rara de se sentir, definida apenas pelo reconhecimento. Nos últimos anos, ele havia se tornado um especialista em afastar pessoas, especialmente as que amava. E agora que fazia terapia, sabia como era raro o ato de entender o que o outro sente.

— E eu imagino que você não curta muito religião? — Lucas perguntou.

— Pior que eu curto. Não acredito, sou mais fã da ideia de diferentes tipos de espiritualidade, mas ainda assim eu gosto. Gosto que faz bem para os meus pais. Sabe?

— Sei.

— Eu acho que cada um tem o Deus que quer. Que a gente se torna o Deus que a gente adora. Então eu tento adorar a gentileza, o amor, todas as boas energias. Mas acho que meus pais gostam mais da ordem e da nomenclatura particular de cada coisa.

— Olha, Isabella, eu sou suspeito pra falar, porque eu adoro esse assunto. Então talvez você queira parar o professor de filosofia que um dia acreditou que o Grande Mistério se parecia com uma baleia. Bom, ainda tem dias que se parece assim, mas eu tento pensar em outra imagem.

— Grande Mistério? Baleia? — ela respondeu, rindo.

— É, Grande Mistério é o nome atual, mas acredite, já se chamou Grande Baleia.

— Tá, explica.

— A coisa da Baleia é uma longa história, então fica pra uma próxima, mas Grande Mistério é mais fácil. É tudo um mistério. A gente não sabe nada, nem eu, nem você, nem o padre mais crente da face da Terra. É tudo um

mistério tão grande que ninguém tem a menor ideia de qual é a resposta. A gente só sabe aquilo que a gente sente: que tem alguma coisa. Alguma coisa grande o suficiente pra dar sentido até pra esse mundo sem sentido. E eu gosto de pensar que é um mistério 100% bondoso e amoroso. Mesmo quando... algumas coisas parecem cruéis. E sempre com A no final, Deus com certeza é mulher.

Isabella deu uma risada tão gostosa que Lucas sentiu o coração dar um pulo em falso. Fazia tanto tempo que não sentia aquilo que se assustou.

— Lucas, você é doidinho.

— Sua especialidade então.

Ela deu risada de novo e quando voltou a encará-lo, Lucas jurou que agora o coração tinha dado dois pulinhos animados. Ele continuou a falar:

— Olha, sei lá, eu só gosto da ideia de que todo mundo acredita na mesma coisa, mesmo que a gente dê nomes diferentes. Um Grande Mistério sem título. É simplesmente tudo que a gente tem em palavras, mas a gente não tem palavra pra tudo.

Isabella parou de rir e Lucas sentiu os olhos dela pousados nele de um jeito tão inédito que parecia que ela só o tinha visto de verdade agora.

— Eu achei isso bem lindo. Não sei no que eu acredito, mas eu gostaria de acreditar nisso.

Lucas sorriu e manteve o olhar espelhado nos olhos de Isabella, quase conseguindo ver o seu próprio reflexo.

— Mas enfim, seus pais devem ser bem religiosos então. Diz aí, qual era o problema? Vários bebês Jesus espalhados pela casa?

— Nenhum — ela respondeu rindo de novo — nós somos judeus, então ninguém comemora o Natal.

— Isabella! Você fez parecer que seus pais caçavam bruxas no século 18.

— É, eu só queria saber o que você acredita.

— Psicólogos se importam com isso?

— Nem um pouco. Mas fofoqueiras, sim. E garotas interessadas também.

Foi a vez de Lucas dar risada e perder o controle daquele sorriso que tentava manter escondido havia mais de 4 anos. Isabella parecia ter encontrado de repente a chave secreta para tirar Lucas do esconderijo em que gostava de ficar durante todos os encontros que tivera recentemente e arruinara.

Enquanto pensava nisso, seguiu a mulher pela livraria. Foi a primeira vez que notou de verdade a arte espalhada por todo o corpo dela, um mural branco estampado com vários desenhos, alguns pretos e outros coloridos. Algumas das tatuagens chamaram bastante a atenção de Lucas. As duas primeiras ficavam lado a lado, uma lua nova e um sol que parecia um ser dançante, ambos transparentes, e as outras estavam completamente espalhadas por seu corpo, sem ordem aparente. O símbolo de Yin-Yang, um cérebro relativamente grande cheio de detalhes, um all star preto todo pintado, uma porta marrom com o batente amarelo e por perto duas janelinhas conectadas por um fio vermelho — essa fez Lucas imediatamente lembrar-se daquela teoria antiga. Reparou também em um escrito bem estilizado de *All You Need Is Love* e aquela que foi a mais chamativa de todas, por motivos egocêntricos para ele: uma pizza bem pequenina e muito suculenta — o que era um bom sinal já que a última garota com quem Lucas saía não gostava de pizzas e para ele isso era praticamente uma questão de caráter.

— E essas várias tatuagens? Você gosta?

— Eu adoro. Sempre que tô com tempo livre, saio por aí querendo agulhar o meu corpo e sofrer um pouquinho.

Ele deu risada.

— Nossa, que coragem. Eu sou bem pouco resistente à dor. E, sei lá, você não tem medo de se arrepender, não? É uma coisa tão permanente.

— Ah, mas não é permanente. São marcas temporárias.

— Temporárias? Como assim? Isso dura pra sempre, Isabella — ele respondeu, rindo.

— É, mas a gente não. As tatuagens são permanentes, mas o nosso corpo não é. Já que a gente tem tão pouco tempo por aqui, eu gosto da ideia de me marcar da forma menos temporária possível enquanto posso. Fora que, às vezes, isso faz com que eu sinta como se eu fosse a pintura de alguém. E é uma boa sensação.

Lucas sentiu seu coração esquentar de um jeito que não acontecia havia muito tempo, desde uma noite bem fria anos antes. Sabia que aquilo não tinha nada a ver com se apaixonar com alguém, até porque isso parecia impossível naqueles dias e ele já tinha idade o suficiente para saber que essas coisas não aconteciam com tanta frequência assim, mas conseguia reconhecer que se tratava da mais pura admiração. E isso também era raro.

— Não acho que funcionaria pra mim e também não sei se teria coragem de tatuar alguma coisa — ele comentou.

— Não sei, não, viu? Acho que você ficaria muito bem com uma tatuagem. E prometo, não dói tanto assim.

Ele continuou encarando Isabella enquanto ela sorria e deixava os olhos dela passearem pelas estantes como se estivesse em uma loja de decoração, pensando em qual história ficaria perfeita nos espaços vazios da sua estante de livros. O sorriso de Lucas escapou novamente, junto com uma memória de um jogo divertido que ele gostava de jogar com *ela*.

Expulsou imediatamente qualquer lembrança ruim que poderia arruinar o encontro que estava tendo. Ele sabia que aquilo era receita para o desastre, era assim que começavam todos os últimos dates que terminavam em uma catástrofe mais tarde.

Então, ignorando pensamentos latentes, Lucas deixou seus olhos passarem pela pilha de discos de vinil. Passou a mão por vários deles, mostrando alguns de seus favoritos para Isabella e vendo alguns dos seus enquanto ela fazia o mesmo. Assim que ela virou-se para olhar a outra estante,

Lucas deixou o sorriso aparecer. Era muito bom saber que ela tinha bom gosto para música, isso sempre era muito importante.

De repente, ele viu um rosto conhecido em um disco. Um cara barbudo, com olhos alegres e um cabelo que pertencia a uma outra década.

— Não acredito, o cantor de Campos do Jordão lançou um disco.

— Quem? — Isabella virou-se de volta.

— Eu conheci esse cara em Campos. Viajei pra lá uns anos atrás e vi ele tocando na pracinha. Tem até uma história engraçada... — ele travou por um instante e engoliu em seco. Sua mente havia vencido. *Droga, droga, droga.*

— Tá tudo bem?

— Sim, sim. Eu ia dizer que fui pra lá uma vez e... bom, ele deixou eu tocar o violão dele.

— Uau, em público assim? Que confiança. Agora eu quero te ouvir tocar.

Ele deu uma risada nervosa. *Parabéns, Lucas, agora trate de aprender a tocar violão pra ontem!*

— Enfim, se chama *O Passado e O Presente e O Futuro.*

— Tá, esse é um bom nome. Me dá aqui, vou levar.

Lucas sorriu ao ver a proatividade de Isabella e a assistiu colocar o disco em uma ecobag da loja.

Depois disso, seu olhar desviou e pousou em um livro de capa vermelha alaranjada. Lucas pegou a edição na mão e sentiu o seu coração voltar para o batimento usual, com seu tom melancólico reverberando por todo o corpo. Ele ficou encarando o livro pelo que pareciam apenas alguns segundos, mas sabia que já estava se perdendo nas linhas do nome dela. Precisou tomar coragem para deixar as páginas passarem, sentindo mesmo sem sentir o cheiro dela subindo através de cada palavra. Ele hesitou antes de abrir na contracapa. Precisou respirar fundo e fechar os olhos, mas finalmente o fez e viu sua foto. O rosto mais lindo em que já pousara os olhos, com uma serenidade que Lucas nunca vira em mais ninguém e um sorriso tão contagiante que, de imediato, ele

quis sorrir de volta. Só não o fez porque a dor o acertou em cheio, quase forçando-o a se contorcer. Seu espírito parecia adoecido de uma hora para a outra e seu coração voltou para o estado mórbido que já se tornara o padrão.

Lucas só percebeu que havia se passado uma eternidade quando Isabella o cutucou:

— Ei, tá tudo bem? Que livro é esse?

— Nenhum. É só o livro de... — Lucas limpou a garganta — é o livro de uma amiga minha. Vai, vamos embora daqui.

5 - Isabella

Lucas parecia completamente diferente de uma hora para a outra. A alegria sem disfarces que demorara tanto para ser mostrada, agora já havia sumido por completo. Em vez disso, seus olhos carregavam histórias não contadas e seu silêncio revelava que os muros já haviam voltado ao seu lugar, fechando aquele homem de qualquer chance que Isabella tinha de se aproximar. Sabia disso como psicóloga, mas sabia mais ainda como uma jovem insegura viciada em mitos de permanência.

E para piorar, isso acontecera bem enquanto Isabella ainda conseguia ouvir alguma caixa de som tocando *All I Want For Christmas Is You* — *Mariah Carey*, que, para ela, era uma das músicas mais românticas da história.

Sem se importar com isso, Lucas já havia perdido a sincronia do caminhar dos dois, mais preocupado em apenas sair dali e não mais em acompanhá-la. Eles pareciam uma incongruência no meio de toda aquela iluminação de Natal.

Isabella sempre ficava quieta em momentos assim, a sua oratória de terapia escondida dentro da persona criada para viver apenas dentro do consultório. Mas, pela primeira vez, ela acabou falando alguma coisa, com uma coragem que vinha de lugares desconhecidos:

— Lucas, o que aconteceu com você? O que é que você carrega por aí pra todo canto?

Seu olhar perdido encontrou Isabella por um momento, mas logo a perdeu de vista novamente.

— Olha, Isabella, você é uma pessoa muito legal. De verdade. Em um universo alternativo, eu estaria me ajoelhando na sua frente implorando pra você aceitar me encontrar de novo. Mas eu sou uma bagunça nesse universo aqui e se eu te deixar por perto, você só vai se perder nessa bagunça junto.

— Lucas, o que é que...

— Eu perdi alguém. Tá bem? Eu encontrei uma garota perfeita, me apaixonei como nunca e antes que a gente pudesse ter alguma coisa incrível e maravilhosa juntos ela morreu. Que sorte a minha, né? A única pessoa que eu já amei acabou morta depois de se aproximar de mim. E eu não quero que você... Olha, Isabella, com todo o respeito, é melhor a gente terminar por aqui.

Assim que ouviu tudo aquilo, ela encarou Lucas apenas com o coração, sentindo um carinho tão grande por ele que pensou que poderia chorar. E Isabella definitivamente não era do tipo chorona. Por um segundo, viu nos olhos daquele menino uma dor contratual que todos os amantes do mundo sentiram ou iriam sentir eventualmente. Afinal, Isabella sabia muito bem que amar é marcar um encontro com o luto e com a dor. Um que nós só não sabemos a data.

— Lucas, deixa eu...

Ela parou de falar ao sentir uma chuva repentina chegar como a pior visita da história.

— Ai, droga.

Lucas segurou a mão de Isabella e a puxou.

— Vem, corre.

Os dois correram embaixo da chuva como em um daqueles romances ridículos da Netflix. No meio do caminho, assim que esse pensamento pipocou na mente de Isabella, ela deu risada e viu quando Lucas a encarou sem entender muita coisa.

Demorou cerca de uns 5 minutos para que eles conseguissem chegar perto de um metrô, atrasados pelas várias pessoas também correndo para longe daquela chuva horrenda que pegara todo mundo de surpresa.

Quando chegaram, nenhum dos dois entrou imediatamente na estação. Em vez disso, pararam embaixo da cobertura improvisada de uma banca de jornal. Eles ficaram se encarando pelo que pareceu um longo tempo, mas Isabella logo mexeu o rosto e perguntou:

— Quer conversar?

Lucas balançou a cabeça e Isabella sentiu o coração se apertar, quase compartilhando da dor dele. *Você vai ficar bem, talvez só demore um pouco*, ela quis dizer. Mas não disse. Não era necessário que fosse psicóloga para saber que tudo que ele precisava era de tempo e gentileza — principalmente vinda de si mesmo.

— Desculpa por tudo — ele disse e Isabella tentou responder que ele não tinha culpa de nada, mas Lucas já havia se virado. Ele caminhou até a estação de metrô e desapareceu no meio de pessoas que pareciam desesperadas por um abrigo, assim como Lucas.

6 - Lucas

O caminho para casa foi terrível, ao som de *Christmas Lights* — *Coldplay* no fone de ouvido, só porque Lucas adorava torturar mais ainda a si mesmo quando estava triste. Não, em vez de músicas alegres nesses momentos, ele só queria se afundar mais um pouco em toda aquela melancolia viciante. Viveu aquela experiência que apenas corações solitários em São Paulo viviam, vendo toda sua vida, suas escolhas, seus remorsos e suas dores refletidas na janela do metrô, como se aquele vidro fosse um portal para a sua própria consciência. Afinal, como Lucas uma vez ouvira durante uma rodinha de conversa da faculdade: *existe algo de filosofia nas voltas noturnas para casa dentro de transportes públicos.*

Ele bufou, cansado de si mesmo, sentindo que todo pensamento seu era só uma repetição. Naqueles tempos, até seu rosto lhe cansava às vezes: sempre o mesmo nariz torto, os mesmos olhos desproporcionais e o mesmo queixo acentuado. Mas naquele instante estava ainda mais cansado de sua mente, de seus padrões repetitivamente negativos e das espirais que o levavam a correr sempre que encontrava algum tipo de conforto.

Parabéns, Lucas Rodrigues. Você acabou de estragar algo que poderia ter sido incrível com uma mulher maravilhosa. Uma que parece possivelmente a melhor de todas. Parabéns, seu merda.

Lucas voltou seu olhar para a janela e sentiu sua mente viajar para o passado, para Campos, trazendo-lhe imagens ainda mais dolorosas, mas de um lugar onde ele pelo menos era mais gentil consigo mesmo.

7 - Isabella

— Alô? Catarina?

Isabella imediatamente se arrependeu da ligação. Não era próxima o suficiente de Catarina para ligar assim, no meio de sua lua de mel. Mas a mulher havia apresentado Lucas para ela, então Isabella achava, de alguma forma, que ela carregava uma certa responsabilidade de atender e ajudar com isso. Não era bem verdade, mas Isabella era uma ótima mentirosa quando precisava convencer a si mesma de alguma coisa. Com outras pessoas, ela era péssima. Talvez esse fosse o jeito de Deus, ou melhor, do Grande Mistério mantê-la honesta para o mundo.

Ela ignorou a roupa toda ensopada que encharcava o tapete da sua porta de entrada. Seu cachorrinho, Zeca, balançava o rabo de um jeito tão frenético que Isabella ficou preocupada e se abaixou para checar o coração dele. Com a idade que ele tinha, qualquer animação assim poderia ser perigosa, mas ele estava bem. Isabella ainda achava impressionante como animais podiam ser tão fiéis e cheios de amor, esperando seus donos ansiosamente como se anos tivessem se passado.

— Isa? É você?

Bom, não era o melhor dos sinais saber que Catarina não tinha nem mesmo o contato dela salvo. Isabella respirou fundo de forma muito silenciosa:

— Sim, sou eu. Amiga, desculpa te ligar no meio da sua lua de mel com o Jorge, vocês devem estar super no romance aí...

— Que nada. Ele tá lá no mar vendo até onde consegue ir no fundo, pensando que eu vou ficar olhando. Sorte que tem salva-vidas aqui.

Isabella deu risada. Catarina era durona, mas tinha um humor ácido bem gostoso às vezes.

— Mas você está, de fato, atrapalhando a minha tomada de sol mágica. Então, por favor, apressa aí, Isa.

— Certo. Amiga, deixa eu te perguntar: você ou Jorge tem o número do Lucas, né? Será que você pode me passar?

Catarina deu uma risada alta.

— Que foi?

— Tá falando sério, Isa?

— Hm... tô? Por quê? Ele é um serial killer ou algo assim?

— Não, eu só tô surpresa. Não imaginei que ia rolar alguma coisa.

Isabella bufou silenciosamente, tentando apaziguar a súbita raiva. *Por que você tentou apresentar o cara pra mim então, sua desgraçada?*

— Isa, não tem nada a ver com você. É só porque o Lucas é meio bagunçado.

Isabella ficou em silêncio por um instante, mas sua mente estava mais falante do que estivera em muito tempo: *eu também sou*. Zeca a encarou com olhos brilhantes, quase lhe respondendo *é nada*.

— E olha, Isa, tô te falando tudo isso, mas ele é um amor de pessoa. É um pouco deprê, mas o Jorge diz que ele costumava ser mais alegre antes. Talvez você tenha despertado isso nele. Você já sabe de toda a história do Lucas?

— Eu sei o suficiente. Escuta, Catarina, não quero atrapalhar. Você pode me passar o número dele?

Zeca deu um pulinho e um latido amigável assim que Isabella terminou de anotar.

8 - Lucas

Ele abriu a geladeira em busca de alguma companhia para a alma e ficou encarando as garrafas, lutando contra a vontade de buscar sentido naquilo — ou pelo menos mais um pouco depois da garrafa de vinho que tomara por inteira. Não bebia desde o fatídico dia em que acabara destruindo o quadro que tinha do jornal do acidente, mas uma véspera de Natal triste como aquela pedia. A melancolia, que já era amiga diária de Lucas desde que Campos do Jordão se tornara um lugar amaldiçoado, se expandia em contato com qualquer coisa que alterasse a sua consciência. Ou seja, agora que havia bebido, Lucas já sentia que ela começava a tomar mais espaço dentro de si.

De fundo, alguma música tocava na caixa de som pequena que comprara um tempo antes em um brechó de rua. Não reconhecia a voz da cantora, mas gostava do estilo dela.

Lucas continuou encarando o lado interno da geladeira até que o barulho de alerta avisando que a porta havia sido deixada aberta por tempo demais o tirou de seu torpor. Então ele finalmente se moveu. Pegou uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete garrafas de cerveja, duas de vinho e um uísque caro que tinha ganhado no casamento de Jorge em uma brincadeira similar com o buquê da noiva, mas do lado dos caras, substituindo flores por álcool. Lucas empilhou as garrafas em cima da pia da cozinha e, por um longo segundo, apenas encarou-as. Não era um alcoólatra, sabia disso, mas também tinha consciência de que, desde a catástrofe de Campos do Jordão, estava bebendo mais do que o comum e a vontade de molhar a boca com álcool — suco, coca

zero e água nunca pareciam o suficiente — também era um alerta. Quatro anos assim era muito tempo.

Então ele se mexeu e foi até a lavanderia apertada, pegou uma sacola preta grande, voltou para a cozinha e jogou garrafa por garrafa lá dentro. O saco ficou pesado o suficiente para fazer com que Lucas pensasse que precisava começar a se exercitar.

Ao voltar para a sala, ele passou reto pelo sofá e foi para a sacada, ainda mais apertada do que a lavanderia, com espaço o suficiente para três plantinhas — uma delas quase morrendo — e uma cadeira que nunca coube direito ali, mas que Lucas sempre deixava para depois, com a promessa de um dia tirá-la dali. Os anos passavam, mas ele seguia sendo um ótimo procrastinador.

Lucas respirou fundo e encarou os vários prédios que tomavam conta de sua vista. São Paulo parecia uma cidade dominada por construções de pedra e um cinza espectral, que parecia mais visível até mesmo do que o preto da noite que se instalara. Felizmente, o Natal trazia um pouco mais de cor e Lucas ficou encarando as iluminações piscantes, quase hipnotizado. Então deixou sua mente viajar e sonhar com o verde mais colorido da relva e o laranja brilhante das folhas de Campos do Jordão. Ao fechar os olhos, ele podia esquecer do calor que fazia na capital paulista e sentir na pele aquele frio delicioso que na época ele odiara — como quase todo mundo, Lucas era um especialista em aproveitar mais as coisas depois que elas já haviam partido. Tudo, menos *ela*. Não, ele havia aproveitado cada instante, cada milésimo de segundo ao lado *dela*. Mas, ainda assim, não era o suficiente. Por que eles não podiam ter uma eternidade juntos? Como é que ele poderia algum dia seguir em frente e permitir que seu coração se apaixonasse novamente? Lucas já sabia que estava fadado a afundar naquela melancolia. A passagem dos anos não ajudava em nada. Na verdade, de várias formas, só piorava. De repente, sua mente o levou para dentro daquele bondinho turístico e ele se deixou sorrir ao lembrar-se da associação imediata ao expresso de Hogwarts. Seus pensamentos foram

refazendo seus passos, por mais que Lucas já estivesse tentando resistir. Ele entrou no bondinho, sentou-se, reparou nas pessoas que estavam ao redor. Perto dele, havia um casal de idosos muito bem agasalhados, com os cabelos brancos tomando conta de suas cabeças. Havia também uma mulher loira mais velha, com o rosto empertigado e falando de forma autoritária no celular. Além deles, Lucas também podia ver uma pequena família, com um homem, uma mulher e dois gêmeos que brincavam de lutinha. E então uma garota entrou no bondinho correndo de um jeito engraçado, como se ela não soubesse muito bem controlar suas pernas.

— De novo vivendo no passado, senhor psicopata?

Ele abriu os olhos no meio de um pulo e quase caiu pela janela da sacada. *Ela* estava ao seu lado, substituindo a cadeira apertada.

Ana Bowie.

Ela estava exatamente igual, com aquele olhar tão penetrante que fazia com que Lucas se sentisse completamente nu. Não conseguia disfarçar nenhum sentimento com ela e sabia que suas defesas caíam por completo. O sorriso dela fazia a mesma coisa. Ele tinha um quê de dançante, puxando qualquer um que o encarasse por mais de três segundos para participar daquela dança e sorrir de volta o maior sorriso que pudesse estampar no rosto. Por um instante, era como se os dois estivessem de volta à Suíça Brasileira.

Lucas sabia que não estava, mas o vinho já estava funcionando muito bem em seu organismo e Ana parecia mais real do que nunca. Até seu cheiro parecia ter retornado. Ele sentiu vontade de se aproximar e utilizar seu olfato até cansá-lo, mas o medo de voltar para a realidade era grande demais. Lucas só queria que a visão continuasse, então ficou parado e apenas se deixou levar pelas ondas daquele mar ilusório.

— Senti saudade, sabia? Ouvir música não é a mesma coisa sem você.

O sorriso dela aumentou, como se estivesse tímida com o elogio.

— Tem ouvido Native? Eu adorava aquela música dele.

— Nunca mais. Acho que não vou mais conseguir.

— Vai, sim. Você vai ver.

Foi a vez de Lucas tentar sorrir, mas seu rosto parecia dormente.

— E as baleias? — Ana perguntou, sorrindo.

— Falei sobre elas hoje, acredita? Foi a primeira vez desde aquela noite.

Nunca tinha contado pra mais ninguém toda aquela ideia maluca.

— Não é uma ideia maluca.

— Obrigado por dizer isso, querida projeção da minha própria mente.

Ela deu risada, do mesmo jeito que costumava dar.

— Tem falado com a Grande Baleia?

— Não muito. Ultimamente, eu só acabo xingando muito ela por tudo que tirou de mim.

— E nem um agradecimento por tudo que ela te deu nesse meio tempo?

Lucas fez uma cara feia, sentindo-se enganado pelos próprios pensamentos.

— Agradecer pelo quê? Eu não tenho nada agora, senhorita. Ficar lembrando do passado é tudo o que me restou.

Ela revirou os olhos, do mesmo jeito que fazia. Suas bochechas ainda estavam vermelhinhas, como se estivessem marcadas para sempre por causa do frio daquelas 24 horas.

— Ai, Lucas, que drama. As coisas andam ótimas com o seu irmão, apesar de você ter ignorado as últimas mensagens dele te chamando pra sair. Seus pais finalmente deixaram pra trás as dores da morte da sua vó e saíram de São Paulo. Aquela casa no campo parece ter melhorado muito a vida deles. E você? Vai continuar atormentando a si mesmo até quando?

Ele a encarou com os olhos pesados, como se olhar para ela doesse mais do que a ideia de nunca mais vê-la.

— Você não entende, Ana? Você era *ela*. Você era a garota. Você era a minha pessoa pra essa vida. E agora eu não sei mais pra onde direcionar todo

esse amor. Parece que, no lugar dele, só sobrou essa dor horrível que queima o meu estômago e faz parecer que a minha alma não tá mais aqui comigo. E eu não sei como curar isso.

— Esse amor era só nosso, Lucas. Aquelas 24 horas eram reais. E agora que eu não tô aqui, você só precisa redirecionar isso pra todas as coisas que te fazem lembrar de mim. Baleias, livros, músicas, danças e, principalmente, vida. Direciona pra todo o resto. E aí seu coração vai achar espaço de sobra pro novo amor que tá batendo na porta. Isso não é substituição, é só mudança. E a vida é sobre isso. Mudar, mudar e mudar. Até tudo se encaixar.

— Ana...

A voz dele ficou embargada e aquela dor de garganta que sempre aparecia quando a terapeuta mencionava a história de Campos do Jordão voltou com força total.

— Eu não consigo deixar você pra trás. Não consigo seguir em frente. Eu... eu te amo e eu queria poder dizer isso pra você de verdade. Mas eu também... eu também queria te pedir ajuda. Por favor, será que você pode... sei lá, só tirar esse peso do meu peito e me dar algum sinal de que tá tudo bem se eu voltar a me abrir de novo pro amor? Por favor, por favor...

Um vento forte chegou até a sacada e Lucas ficou olhando enquanto o cabelo de Ana dançava alegremente junto com aquele fluxo de ar. Ela deu um passo em sua direção e ele congelou, pensando que um fantasma ou um espírito obsessivo estava prestes a atacá-lo.

— Fecha os olhos, Lucas.

Ele fechou. Ana colocou a mão no seu rosto e, assim que sentiu seu toque, Lucas começou a chorar. Ele sentiu uma corrente percorrer seu corpo assim que o vento voltou com mais força, uma vibração em cada fibra do seu corpo que comunicava uma única mensagem: *eu te amo*. E então ele ouviu sua voz uma última vez:

— Vai, Lucas. Atende logo.

Ele franziu a testa, sem entender muito bem, e...

Lucas acordou no sofá com o barulho do seu celular tocando em cima da barriga. Ele olhou ao redor, procurando por Ana, mas não encontrou nenhum sinal de que aquela conversa havia sido real. A cadeira estava de volta à sacada e a janela estava apenas ligeiramente aberta, o suficiente para entrar um vento frio — um alívio naquele calor histórico. Ele provavelmente acabara dormindo depois de jogar as garrafas fora e os sonhos haviam tomado conta. Uma certa melancolia perpassou seu coração, a percepção de que tudo fora um sonho acabando com todas as esperanças de felicidade. Ele bufou, cansado. Era véspera de Natal, quem diabos estava ligando? Lucas só queria mais uma data comemorativa simples, onde ele mergulhava na melancolia e na sua autodepreciação. Mas os planos pareciam outros.

Ele encarou a tela do celular e franziu ainda mais a testa ao perceber que era um número desconhecido. Isso, sim, era esquisito. Ele pensou em simplesmente ignorar, como sempre fazia com todas as ligações naqueles tempos — especialmente as de números estranhos. Mas algo lhe disse para atender, algo muito parecido com aquilo que fez Lucas ir naquele passeio do bondinho turístico tantos anos antes.

— Alô?

— Oi. Lucas?

— Hm, sim. Quem é?

— Ah, desculpa. É a Isa. Isabella. Isabella Carvalho.

— Ah, sim. Oi, Isabella Carvalho.

Ela deu uma risada que Lucas achou fofa, apesar de não estar entendendo nada.

— Desculpa ligar assim do nada. Eu peguei seu número com o Jorge. Ou melhor, com a Catarina, mas enfim...

— Entendi. É... legal. Foi mal por mais cedo, eu...

— Não, não. Fica tranquilo.

Os dois ficaram em silêncio por um instante longo o suficiente para tornar aquela chamada ainda mais constrangedora do que já estava sendo.

— Então... — os dois disseram ao mesmo tempo e compartilharam uma risadinha.

— Eu queria saber se você não quer passar o Natal comigo — ela disse.

Lucas ficou em silêncio, tentando raciocinar e elaborar em uma resposta. Ele queria. Ele gostava de Isabella. Mas ainda era cedo demais, infelizmente. Se ela tivesse aparecido apenas um pouco depois...

— Olha, Isabella, eu...

— Só como amigos mesmo, Lucas. Acho que mais do que uma amante, você só precisa de uma amiga. Gostei de conversar com você. Talvez a gente possa só... continuar conversando.

O silêncio se estendeu por um breve momento, mas Lucas fechou os olhos e se deixou guiar por aquela coisa sem nome, o Mistério que parecia impulsioná-lo naquele momento:

— Eu... eu gosto de conversar.

Ela deu risada ao escutar isso e Lucas deu um tapa na própria testa. *Que resposta mais estúpida, cara.*

— Então vamos conversar. E comer. Eu tô morrendo de fome. Só tem um problema: não sei se dá tempo de cozinhar algo. O que você acha de comer McDonalds como ceia de Natal?

Ele fechou os olhos de novo e respirou fundo. Lembrou-se de cada detalhe do seu sonho e ficou com a imagem de Ana Bowie na cabeça. Lucas sentiu os pelos do braço se eriçarem com uma nova rajada de vento que entrava de fininho pela fresta da janela aberta e sentiu um sorriso surgindo nos seus lábios. *Vai logo, senhor psicopata.*

— Bom, essa é simplesmente a minha comida favorita.

De fundo, uma música começava a tocar. *Tonight I Don't Want to Change a Thing* — *Michael Benjamin*. Lucas não sabia ainda, mas conhecia aquele

cantor por um outro nome e por conta de uma outra música. Mesmo assim, sentiu algo parecido com reconhecimento, tanto com a voz do homem que cantava, quanto com aquele friozinho que surgia na barriga.

E agora talvez a história não durasse apenas 24 horas.

Fim

Me siga nas redes sociais e acompanhe as próximas histórias

@mateuslpsantos

